

FRANCINE MASIELLO

Conhecimento Suplementar: *Queering* o eixo norte/sul

Resumo: Este artigo analisa as formas como o jornalismo cultural feminista (Las/12), encontrado no suplemento feminino de um jornal popular argentino (Página/12), faz uma crítica do sistema de gênero na economia Norte/Sul de mercado enquanto defende, a partir de um olhar decididamente queer, interrupções dos discursos políticos e sociais; este suplemento feminino também torna pública a violência do neoliberalismo contra os interesses das mulheres e salienta os projetos lésbicos como uma alternativa à domesticação da mulher pelo mercado.
Palavras-chave: jornalismo feminista, teoria queer latino-americana, María Moreno, Página/12, Las/12.

1. Em inglês, o adjetivo "queer" denota, entre outras coisas, algo estranho, diferente do esperado, e refere-se também, normalmente de forma pejorativa, ao homossexual. Nos dias de hoje, tem sido muito usado como forma de afirmar positivamente a identidade homossexual, em contraposição a uma construção cultural negativa. No presente texto, o termo é utilizado para indicar um enfoque das questões da tradução das teorias anglo-européias, sob uma perspectiva de gênero, que obviamente inclui a homossexualidade. Por falta de um termo equivalente em português, optei por manter a palavra inglesa (N. do T.).

Gênero e sexualidade têm sido os sinalizadores da crítica cultural, tão necessários para o estudo da arte e da literatura, quanto para as revisões pós-marxistas da história e das lutas sociais. A partir da perspectiva latino-americana, contudo, essas linhas de investigação possuem também uma outra função, enquanto mediadoras do tráfego cultural entre o norte e o sul. Particularmente, gênero e sexualidade interrompem o "fluxo" retíneo entre o norte e o sul, à medida em que inserem formas de rupturas estranhas à lógica consensual da globalização. Com razão, portanto, temos recentemente, e acertadamente, começado a examinar as rotas através das quais os debates sobre gênero e sexualidade viajam. Não apenas as formas nas quais as teorias de gênero anglo-européias penetram na América Latina e estruturam os debates locais, mas também as formas como a América Latina responde a essas teorias.

Minha intenção original era investigar as formas como as questões sobre gênero e identidade sexual viajavam do norte ao sul através de revistas culturais de destaque, traçando um caminho que percorreria a *Feminaria* de Lea

Fletcher na Argentina ou o projeto acadêmico de Mora na Universidade de Buenos Aires, a *Revista de Crítica Cultural* de Nelly Richard ou a *Nomadas* da Universidade do Chile, a *Revista Estudos Feministas* no Brasil, ou a *Fem e Debate Feminista* no México. Essas revistas são os pontos de partida para que se possa delinear o impacto das intervenções dos estudos de gênero na crítica cultural. Elas não apenas introduzem paradigmas ousados para a circulação do conhecimento, como também constroem modelos alternativos para se considerar a política e a cultura em seu próprio país.²

2. Trato das implicações mais amplas do jornalismo cultural feminino em MASIELLO, 1999.

Aqui, no entanto, gostaria de seguir por uma direção diferente, de tomar um curso menos óbvio acerca do eixo norte/sul, viajando para um espaço que desafia tanto a academia (a do norte e a do sul) quanto os pressupostos da teoria universal. Meu interesse é o jornalismo cultural feito por mulheres que surge na imprensa popular. Mais especificamente ainda, o diário argentino *Página/12*, e em particular seu suplemento feminista, *LAS/12*.

3. GONZALEZ, 1992, p. 11.

Parte da imprensa sensacionalista de oposição, que sempre dependeu de uma retórica satírica, *Página/12* vem produzindo uma das mais afiadas análises críticas da deterioração no âmago da democracia. Seu humor ácido e violento, como afirmam críticos como Horacio Gonzalez, fomentou novas identidades sociais em desafio ao Estado³. Mas além das histórias sobre quem está dormindo com quem, qual atriz está se relacionando com qual ministro, questões de gênero não se faziam presentes na linha editorial, muito menos os interesses políticos das mulheres haviam sido tratados com seriedade. Em abril de 1998, contudo, surgiu uma página dedicada às mulheres, muito provavelmente para satisfazer a necessidade do jornal de expandir o número de consumidores (e coincidindo com o crescimento da fortuna política de Graciela Fernandez Meijide na época). Apesar disso, essa página feminina vai além do suplemento já existente. Diferentemente da seção principal do *Página/12*, que dispara seus ataques satíricos contra o governo e órgãos públicos, o suplemento feminino dirige seu olhar às construções mercadológicas de gênero e às lutas constantes do Estado e do mercado para controlar a subjetividade. De fato, *LAS/12*, como é chamado esse suplemento, pode muito bem ser considerado o meio que trata o gênero da forma mais subversiva na Argentina hoje, que traz à tona, sob um olhar editorial cáustico, não apenas questões de identidade sexual e os papéis atribuídos às mulheres, mas também a inserção da mulher no tráfego da cultura de consumo. O olhar arguto que guia esse projeto pertence a María Moreno.

Maria Moreno é uma das feministas mais astutas das Américas. Sempre ativa no jornalismo, seu enfoque é decididamente não-acadêmico; seu estilo tem sido consistentemente direcionado ao público de massa que é atraído por leituras não-ortodoxas. Considerada uma das críticas mais ousadas da Argentina, Moreno é uma desbravadora no campo cultural, uma divisora de águas pós-moderna, resistindo tanto ao meio acadêmico quanto às teorias de gênero correntes. Sua carreira, portanto, tem sido construída através do ecletismo e versatilidade próprios do jornalismo *free-lance* (desde a época de sua revista *Alfonsina*) e através da produção de textos criativos que desobedecem tanto às leis do gênero/sexo quanto do gênero jornalístico em si.⁴

4. Ver MORENO, 1992 e 1994.

O suplemento que ela dirige levanta a questão de como um arcabouço teórico para o feminismo pode surgir a partir dos meios de comunicação de massa. Como atrair um público, interpelar a diferença, organizar uma teoria no espaço da imprensa popular sem provocar estranhamento nos leitores leigos? De que forma expandir para além do feminismo militante dos anos 60 para atingir um público não muito convencido pelo dogmatismo feminista e mais cativado pelas ofertas do mercado neoliberal? Como espero mostrar aqui, o suplemento nos pede para olharmos para as maneiras pelas quais a metrópole molda o desejo do sul e a maneira como o Cone Sul responde ao norte.

Desde o início, Moreno e suas colegas jogam com objetos e tópicos que supostamente constituem o "interesse feminino": moda e cinema, os dilemas das mães e esposas, a busca constante pela tranquilidade doméstica e aquelas pequenas inovações e truques psicológicos que sabidamente abrem novas perspectivas à vida das mulheres. Em outras palavras, pareceria que algumas dessas questões são "dados" e que as respostas também são previsíveis: de fato, essa poderia ser uma das maiores críticas ao suplemento enquanto forma cultural para as massas; mesmo entre seus/suas colaboradores/as mais próximos/as, muitos/as fazem essa reserva. A esse respeito, e citando a ativista pelos direitos ao aborto Dora Codelesky, as editoras argutamente observam: "los espacios dedicados a la mujer son importantes porque sirven para hacer 'mas ignominiosa la ignominia' conociéndola. Mas opresiva la opresión, publicándola".⁵ *LAS/12* se mostra capaz de lidar com tal problema jogando com esse paradoxo, manipulando não apenas construções tradicionais de gênero, como também o espaço de uma coluna convencional dirigida a mulheres que facilita essas

5. *LAS/12*, 5 de março de 1999.

representações. *LAS/12*, portanto, recorre a teorias sobre a sexualidade feminina, aos direitos civis e a reivindicações por projetos liberacionistas, mas submerge essas questões ironicamente em descrições de banheiros e *boudoirs*. Mascara a rebeldia por trás das entrevistas com estrelas de Hollywood e em discussões sobre a arte pós-moderna. "La mujer no es un suplemento", elas escrevem jocosamente, tomando as palavras de Magui Bellotti, advogada feminista e ativista.⁶ Nem podemos dizer que o suplemento *LAS/12* seja suplementar no sentido comum da palavra.

6. *LAS/12*, 5 de março de 1999.

Pouco importa que Hollywood ou Paris ou as galerias de arte de Nova York apareçam com freqüência no escopo desse projeto. Também não devemos nos preocupar com as formas como os fracassos da cultura norte-americana se fazem presentes nas páginas do suplemento feminino, apesar de evidentemente o *LAS/12* trazer um material abundante que enfatiza escândalos e abusos do governo americano. Como exemplos, o *LAS/12* enfoca as violações dos direitos humanos de mulheres prisioneiras nos Estados Unidos, a tortura física que sofrem nas prisões, as representações de latinas nos filmes de Hollywood, a cultura alcoólatra dos *suburbs* dos Estados Unidos tomada visível em anúncios feitos por celebridades. Esses ensaios nos lembram que um olho sulista está sempre alerta à cultura do norte, não simplesmente com o propósito de servilmente copiá-la, mas para visibilizar a injustiça global. No processo, a autoridade naturalizada do norte se torna estranha à luz dos detalhes de gênero, interrompendo os circuitos do desejo que o suplemento alega vender. Mais importante, contudo, é a geografia das teorias que são trazidas às páginas do jornal por uma galáxia de estrelas célebres. O *LAS/12* dedica grande atenção à construção de uma *persona* feminina, aos limites que separam a vida pública da vida privada, aos recursos retirados da teoria psicanalítica que posicionam o sujeito feminino no mundo e alegam explicar seu intelecto e sua psiquê. Com razão, então, as editoras do *LAS/12* expõem as limitações da teoria lacaniana (a principal teoria de consumo na Argentina) e surfam as ondas das psicologias populares alternativas que chamam a atenção das mulheres norte e sul-americanas. Visões da nova era, fantasias eróticas, debates sobre o potencial orgástico das mulheres poderiam parecer material editorial típico de revistas como a *Cosmopolitan*, ou, numa versão mais árida, o *Ladies' Home Journal*, mas o *LAS/12*, quando se refere a esses tópicos, faz uso de outros recursos, minando as próprias premissas da cultura de massa, que toma para si a autoridade interpretativa sobre as mulheres. A questão não é

7. *LAS/12*, 7 de março de 2000.

das mulheres, mas mostrar a maneira pela qual essas filosofias conseguem aprisioná-las. Em um dos números mais recentes do *LAS/12*, Moira Soto, uma das colaboradoras fixas, pergunta sobre o destino da diva.⁷ A estrela esquecida do cinema glamouroso dos anos 40, que reunia *persona* pública e vida privada, é agora questionada. Mas Soto pergunta como a *starlet* é criada e mantida e como a máquina cinemática cria a aura do arquétipo. Em suma, ela observa como os penteados, poses, cigarros e estilo contribuem para uma ilusão de beleza impecável e constroem um elo aparentemente indissolúvel entre o trabalho e a vida privada da diva.

8. *LAS/12*, 3 de setembro de 1999.

9. *LAS/12*, 9 de julho de 1999.

10. *LAS/12*, 23 de abril de 1999.

11. *LAS/12*, 28 de maio de 1999.

A teoria entra no suplemento subliminarmente através de entrevistas com celebridades, através de personalidades e através da menção de um nome. *LAS/12*, assim, coloca em jogo a voz contra a *persona* pública, a história de vida contra a imagem cristalizada. Moreno vai de retratos da vida ao movimento ativo, desassociando imagem pública e pessoa pensante, com o propósito de atingir a perspectiva feminista implícita defendida por figuras proeminentes. Uma entrevista com Maria Elena Walsh fala das limitações das mulheres na política argentina;⁸ uma outra com Griselda Gambaro aborda os poderes dos laços homosociais que excluem as mulheres do debate público,⁹ uma conversa com Erica Jong serve de pretexto para se falar sobre a identidade das minorias, sobre holocausto e sobrevivência.¹⁰ Uma nota sobre a biografia de Coco Chanel abre uma reflexão acerca das imposições da moda sobre o corpo feminino modernista.¹¹ E a roupa exótica da cantora popular espanhola Martirio é explicada como uma iniciativa pós-moderna de autoconstrução. Imagens de Jodie Foster e Madonna, Grace Kelly e Marilyn Monroe também são colocadas em debate a fim de nos lembrar dos artifícios da representação ao descrever sujeitos femininos. Esse é o começo de uma investigação muito maior acerca dos mecanismos de sedução consumista que silenciam as vozes discordantes e promovem e controlam sinais de diferença.

Nas páginas do suplemento, cinema, *design* de roupas e o mundo da música popular são as ofertas habituais disponíveis às mulheres em suas experiências como grandes consumistas urbanas. No entanto, em seus comentários críticos, Moreno e suas colegas sempre tomam um caminho contrário à celebração do consumo para comentar sobre os méritos das artes, enquanto lembram às leitoras a função que o mercado desempenha moldando nossos gostos e valores. Por um lado, as colaboradoras fornecem ao público imagens comuns para a auto-

representação; por outro lado, contemplam como os desejos se alinham com os objetivos da cultura de consumo. Esse curso em ziguezague por sobre os limites da inteligibilidade é um movimento constante de perspectivas sobre a cultura, de tal forma que o *LAS/12* mistura categorias críticas com o propósito de desmontar o modelo de 'mulher' projetado pelos meios de comunicação de massa e por teorias acadêmicas.

Podemos dizer também que a teoria é apresentada como uma conjunção de mapas, através da justaposição da crítica dos espaços geopolíticos com a crítica dos sistemas linguísticos que os inscrevem.¹² Assim, o suplemento feminista insiste em uma simultaneidade paradoxal ao desmembrar a cultura de consumo global que suas editoras são obrigadas a apoiar. Mais importante ainda é o fato de o suplemento se engajar nos projetos de uma cultura dominada pelo mercado que imediatamente associa a identidade dos consumidores ao espetáculo da diferença. Essa dualidade aparece em todo o *LAS/12* e faz parte do discurso jornalístico em si — a habilidade de teorizar sem evocar o aparato formal da teoria. O objetivo é o ativismo, e isso se percebe num sistema de citações que recorre muito menos aos filósofos pós-estruturalistas do que às vozes da comunidade local.

Não estou sendo irônica se afirmar, a partir das páginas do *Página/12*, que o suplemento força o colapso das esferas públicas e privadas de significado. Como exemplo, o banheiro, o quarto e a cozinha tornam-se alvos de enfoque irônico de muitos ensaios jornalísticos: o quarto é um pretexto para se repensar o papel dos móveis como mediadores do desejo sexual e dos sonhos; o banheiro é retratado como um espaço onde trafegam produtos globais com função decorativa apesar de sua utilidade para atender as necessidades físicas privadas.¹³ E enquanto a cozinha aparece como um lugar para conversas íntimas, também é o lugar da violência neoliberal, um lugar por onde bens de consumo entram no lar e perturbam a paz doméstica. É também descrita como o lugar onde se realizam abortos arriscados e ilegais, onde as políticas sociais inadequadas do Estado confrontam as necessidades não atendidas das mulheres.¹⁴ A convergência desses mundos conflitantes não nos redirecionam para as teorias dos espaços públicos e privados do tipo ensaiado por teóricas feministas como Michelle Rosaldo e Louise Lamphere, e algum tempo depois por Nancy Fraser. Ao invés, esses planos que se intersectam servem para uma reflexão sobre aqueles impulsos eróticos, constantemente em movimento, que coexistem com regulamentos e leis do Estado.

Em tudo isso, observamos uma translação de corpos através de estilos mutantes de auto-representação: através

12. Essa é uma teoria que Henri Lefebvre divulgou em LEFEBVRE, 1991.

13. *LAS/12*, 20 de agosto de 1999.

14. *LAS/12*, 29 de outubro de 1999.

da casa e da rua, através da observação das celebridades globais, e auto-conscientemente através de uma análise das estratégias dos meios de comunicação de massa que nos inventam como um público de leitoras. Isso, é claro, pede um questionamento da relação entre gênero, tradução e os tipos de práticas interpretativas que alteram a representação das mulheres de uma cultura para a outra.

A tradução é uma questão subjacente. De que forma elementos da teoria cultural viajam de uma língua a outra? Como a aura cinematográfica das celebridades pode ser revida pela perspectiva da margem sul? Nesse contexto, a comemoração dos 50 anos de *O Segundo Sexo* é motivo não apenas para uma reavaliação de Simone de Beauvoir, mas também para uma avaliação das estratégias de tradução que transformaram seu livro em um sucesso global.¹⁵ Moreno observa, citando Sylvie Chaperon, como o texto é truncado à medida em que passa por sistemas linguísticos diferentes: no Japão, a palavra "feminidade" foi substituída por "maternidade"; nos Estados Unidos, a tradução inglesa de *O Segundo Sexo* foi reduzida para eliminar leituras mais complexas; na União Soviética, o texto foi proibido até os anos da Glasnost; na Argentina, *O Segundo Sexo* surgiu não como uma explosão pública, mas como uma auto-revelação individual. Para além dos pontos de vista mais convencionais, agora a tradução é estruturada em termos de um modo de recepção que aponta para uma consciência política e para uma ação coletiva. O objetivo das editoras do *LAS/12* é nos fazer lembrar de uma narrativa emancipatória esquecida, cujas iniciativas ativistas foram abandonadas ou domesticadas, transformadas em expressões privadas do desejo de consumo. As citações de ativistas e pessoas comuns, espalhadas por entre as de celebridades e artistas, fazem a tradução entre mundos opostos e abrem espaço para uma linguagem em que algumas pessoas só vivenciam a perda. Elas servem para expandir os termos de referência que marcam o corpo feminino.

A esse respeito, uma presença lésbica aparece constantemente dentro do olhar editorial e organiza o mapa norte/sul, assim como questões de transmissão cultural. Direitos sexuais, interesses legais e a domesticidade compartilhada entre mulheres surgem como tópicos do suplemento, cultivados entre cenas de escândalo, mas sempre oferecendo a possibilidade de reflexões alternativas sobre o corpo feminino. Essa leitura ambígua está sempre presente; são os dois lados de uma mesma moeda no projeto de Moreno, revelando que a escolha sexual significa tanto um convite tentador para leituras escandalosas quanto

15. *LAS/12*, 13 de agosto de 1999.

16. SOTO, 1999.

uma chance para a autonomia feminina. Dessa forma, o suplemento dança através de um campo minado sexual. As editoras, por exemplo, recorrem a Dacia Maraini, cuja história da Condessa Bathory é encenada em Buenos Aires.¹⁶ Seu trabalho serve de pretexto para se investigar a fantasia pública sobre o sexo lésbico e o controle do Estado sobre a vida privada. Casos como esse mostram como uma estética contemporânea depende de um erotismo homossexual, assim como uma tradução espanhola do texto em italiano de Maraini desloca o feminismo de uma plataforma para outra, exigindo novos veículos através dos quais se pode encenar a emergência pública da *queerness*.

Nos dias de hoje tornou-se lugar-comum, a essa altura de nossa história intelectual, defender que a *queerness* reestrutura nossas categorias do conhecimento. No entanto, a *queerness* nas páginas do *Página/12* também permite uma liberdade de movimento. Permite, em particular, às/aos escritoras/es colaboradoras/es que saíam de um modo 'antropológico' para os aspectos festivos e participativos dessa polêmica cultural. Em um texto significativo sobre a marcha gay e lésbica em Buenos Aires em 1999, María Moreno enfoca claramente o discurso lésbico como uma estratégia pública para alterar o clima político da Argentina. Apesar de festiva, ela afirma, a marcha é também profundamente política. De fato, seus aspectos gratuitos expandem as possibilidades de inserção do indivíduo nos espaços públicos. A partir de uma arqueologia de encontros clandestinos e olhares furtivos, Moreno chega a traçar uma história de ressonância pública mais ampla, de tal forma que a narrativa de conquistas políticas passa a ser normalmente associada à encenação carnavalesca: "¿acaso la toma del Palacio del Invierno, la entrada de Che en La Habana, la quema de corprios de las militantes feministas que en Francia y Estados Unidos exigían la legalización del aborto no fueron también fiestas?" ela questiona sarcasticamente.¹⁷ O objetivo é expandir os aspectos conservadores dos discursos fechados para enfatizar a viagem e o movimento, para romper as amarras da linguagem acadêmica e dar voz aos desejos polimorfos de um público leitor massificado. Essa multiplicidade mistura o conhecimento elitizado com o conhecimento popular; mais especificamente, ela nos obriga a pensar nas maneiras como os interesses das mulheres se entrecruzam com outros setores na escala social. Com isso em mente, não podemos nos surpreender com o fato de o *LAS/12* celebrar o cruzamento de fronteiras por mulheres nos desfiles carnavalescos, ou 'murga'. Diana Bellessi, a poeta argentina que é citada no final do artigo de Moreno, sucintamente dá voz a esse projeto:

17. MORENO, 1999b.

18. *LAS/12*, 12 de novembro de 1999.

"Yo me considero de retaguardia, porque la retaguardia me liga a la parte de atrás de la murga adonde habitualmente van las mujeres que son la frontera entre la murga y el pueblo. Y siento que esa frontera es la autentica vanguardia".¹⁸

Essa talvez seja a chave das estratégias utilizadas por Moreno no *LAS/12* e é central para a necessidade de uma presença lésbica na reorganização das idéias nos meios de comunicação de massa. Tornar visíveis as ligações que foram suprimidas, mantê-las visíveis ao público, mas acima de tudo divulgar a ligação entre as mulheres e outras culturas marginais. Se o mercado pede espetáculo, uma presença lésbica dentro da estrutura teórica do *LAS/12* oferece um espetáculo único, ligando os mundos do norte e do sul, ligando o discurso masculino e feminino, alinhando as possibilidades de uma fala heterossexual e *queer* em torno da celebração em comum e do protesto público. Uma presença lésbica no *Página/12* força as/os leitoras/es e editoras/es a re-trabalhar todas as teorias da cultura heteronormativa, expande os termos do mercado de massa, mas também traz a dúvida para um projeto globalizado que nivelaria ou absorveria vozes alternativas. A *queerness* nessas páginas também aponta para as falhas do jornalismo como um todo, pedindo ao leitor que volte à seção principal do jornal e pense nos tópicos que não aparecem como "notícias". Por que gênero e sexualidade, efetivamente, nunca aparecem em primeiro plano, mas são relegados à esfera menor dos escândalos e do suplementar? Se o *Página/12* controla o poder da narrativa, expondo histórias à venda, o suplemento feminino nos diz como o gênero altera a experiência da contabulação.

A esse respeito, pode-se afirmar que o *LAS/12* funciona a partir de uma contradição, desnaturalizando fluxos normativos de sentidos que se movem sem problemas em nossos tempos. Ele altera aquelas estruturas de análise postas pela imprensa e pelo mercado. E, de fato, se existe uma "teoria" do feminismo que pode se originar nesse tipo de foro, podemos encontrá-la nos ataques feitos pelo *LAS/12* àqueles hábitos de fé embotados pela obediência calada dos consumidores. Dessa maneira, a venda da "autenticidade" ou a representação da beleza "naturalizada" passa pelo escrutínio das editoras. Com frequência, as/os colaboradoras/es do suplemento feminino abordam tópicos que vão desde a escolha de tintura para cabelo aos tipos de paródia do feminino encenada por travestis em bares populares. Mas os argumentos de autenticidade tão bem eviscerados pelo grupo de Moreno trazem à luz também as limitações da teoria que busca localizar um objeto de pesquisa e finalmente dar-lhe um nome. Pelo contrário, a máscara

ganha o interesse das escritoras. A performatividade é bem sucedida à medida que as escritoras menosprezam qualquer idéia de um eu feminino autêntico veiculado pela imprensa conservadora.

Refletindo sobre o primeiro ano da publicação, Sandra Russo observa: "Después fueron llegando, cada semana, otros temas en los que siempre e indefectiblemente la clave estuvo no solo en diferenciar los intereses femeninos de los masculinos, sino además en abrir debate entre las mujeres, dando por sentado que esa entelequia que algunos llaman 'la mujer' no existe".¹⁹ Para além da auto-representação, há também a questão de se construir uma aliança comunitária.

19. RUSSO, 1999.

En los grupos de mujeres consultados por las empresas *Entrepreneur* antes de la salida a la calle de *LAS/12* fue evidente que las consultas no reconocían en ninguno de los suplementos femeninos de los diarios nacionales rasgos de identificación o pertenencia como lectoras. "Lo miro pero no lo leo", "no trae nada que importe" o "lo conozco pero no me acuerdo como es", eran las respuestas tipo. En este año de vida, *LAS/12* genero, a juzgar por el rebote que cada semana llega a la redacción a través de e-mails, cartas, llamados y comentarios, una complicidad que nos enorgullece, tanto de parte de mujeres como de varones. Que a quienes hacemos este suplemento nos encante hacerlo debe constituir, simple y cristalina, una clave e esas que el marketing todavía no logra reemplazar ni sustituir. La sintonía entre lectoras/es y periodistas sigue siendo una alquimia bendita.²⁰

20. Idem.

É estranho que uma comunidade possa ser alcançada e construída através de um texto da mídia, mas o que, afinal de contas, é o projeto de escrita política? Aqui, a questão do subalterno e da aliança sai do campo acadêmico para expandir os parâmetros do ultrapassado conceito de amizade feminina.²¹ Isso pode ser constatado na celebração de *Thelma and Louise* feita pelo *LAS/12*, no valor que as editoras atribuem a certos livros que criam laços entre as leitoras. Essa postura é sustentada ainda pela análise dos filmes de Hitchcock ou pela forma como é visto o papel das mulheres na ópera de Mozart; é verificada também na defesa do ativismo em conjunto, das mulheres unidas em desafio à lei. Entretanto, a amizade feminina também se configura como o espaço para um outro tipo de possibilidade erótica:

21. *LAS/12*, 11 de junho de 1999.

¿Que significa hoy la amistad entre mujeres? ¿O que pueden tener en común las amigas que se encuentran a falta de algo mejor sin caer en la cuenta

de que sus risas en común duran mas de veinte minutos con las militantes apasionadas que quieren hacer una de dos? No se trata de uniones homosexuales con instintos coartados en su fin, como definía Freud al vínculo civilizador entre varones y que dio madera a la Iglesia y al Ejército. No es la pregunta por la propia feminidad la que lleva a las mujeres a las otras, tampoco la homosexualidad. Es aun un sentimiento sin nombre, del escándalo que suscita. No tiene aun historia como el de Fierro y Cruz, o el de Moreira y Julian. Es imposible de blanquear de erotismo por el mero hecho de que no hace jugar la genitalidad, ni de reducir a un lesbianismo tasado por un heterosexualismo exhausto. A veces se parece un amor que da vida una y otra vez sin que haya nadie colmado ni nadie exangüe, que podría asimilarse a una palabra también nueva: mismidad. Pero vale la pena recordar la frase de Santa Teresa de Jesús: Importa tanto este amor de unas con otras, que nunca querría que se os olvidase.²²

22. MORENO, 1999a.

Moreno demonstra as maneiras como uma ética masculinista estabelece para o/a consumidor/a categorias de identidade e padrões para troca de mercadorias, sustentando também, apesar de sua aparência liberal, a lógica autoritária de décadas anteriores. Em outras palavras, ela mostra como o poder da mídia atende a fins conservadores. A perspectiva feminista aparece, por contraste, através de flertes rápidos, através das conexões estabelecidas no fluxo norte/sul que sabotam mercados pré-existentes, através das conexões sociais mais perigosas possíveis entre mulheres e grupos marginais.

Para concluir, quero retomar à questão da tradução. É óbvio que a inter-relação entre norte e sul, masculino e feminino, hetero e homossexual, assume um valor diferente através dos registros da tradução. No tráfego de imagens e textos, questões de tradução nos levam a considerar os hábitos do colecionador (benjaminiano), que reúne detalhes da diferença para um público cada vez mais ávido. Tirando proveito das exigências de leitoras que desejam uma bricolagem das ofertas da cultura global, o/a jornalista, enquanto coletor/a, reorganiza bens descartáveis, traduzindo imagens para a linguagem de eventuais consumidores/as. Ao tomar as mulheres como objeto de estudo, o LAS/12 mostra o quanto elas são filtradas através de projetos consumistas por todo o planeta.

A seção feminista do *Página/12* levanta uma série de questões para debates futuros. Primeiro, expõe uma tensão entre a prosa expositiva dos projetos da cultura de massa

23. LAS/12, 8 de outubro de 1999.

dedicados a eventos conservadores e uma análise crítica da sociedade a partir de uma perspectiva de gênero que ganha força através de leituras daquilo que é normalmente considerado "menor". No processo, desestabiliza o apoio a qualquer tema canônico e subverte o poder das imagens associadas ao consumo, que atribuem às mulheres um papel social fixo. Essa experiência sugere um movimento em um espaço, denominado por uma das colaboradoras de "el arte de tentar y negar",²³ um caminho em ziguezague entre a oferta e a demanda, entre a capacidade crítica e a cegueira aos efeitos do mercado. Assim, o LAS/12 cria um espaço para sua própria versão peculiar de uma leitora imaginada, consciente das múltiplas identidades sexuais disponíveis ao público feminino, consciente do circuito cruzado do desejo que é governado pelas vendas globais. A esse respeito, o suplemento brinca com as identidades de gênero apresentadas pelo comércio. Dessa forma, enquanto o *Página/12* está ocupado em desmontar "el ser nacional", o suplemento feminino dá um passo além, revelando a coesão fraudulenta das identidades de gênero cuja base depende do funcionamento da ordem global e, finalmente, expondo as linhas falhas na superfície sólida do mapa norte/sul.

Segundo, o jornalismo feminista do tipo produzido no LAS/12 mexe com as categorias da teoria. Questiona o local de sua própria invenção e contraria o regime de mercado que sustenta o jornal como um todo. Confunde leituras privadas e públicas, subverte as viagens do discurso. Inventa uma leitora que se posiciona entre a lógica institucional do primeiro plano e o empuxo de um segundo plano, que é colocado na margem. No processo, LAS/12 igualmente sugere uma ligação entre as culturas oficial e popular, obrigando-nos a observar os fluxos e as interseções de significados que eventualmente constituem os sujeitos *generizados*. Acima de tudo, o suplemento evoca a descontinuidade e a convergência, rompendo a ilusão de controle criada por nosso senso de completude intelectual. No final, lembra-nos da constante necessidade crítica da complementaridade em si, tanto no corpo da escrita pública quanto nos corpos privados que expressam desejo.

Referências bibliográficas

- GONZALEZ, Horacio. *La realidad satírica: 12 hipótesis sobre Página/12*. Buenos Aires: Paradiso, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991.
- MASIELLO, Francine. El genero da la democracia. In: *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*. Buenos Aires: Sonowski, 1999, p. 537-548.

- MORENO, María. *El Affair Skeffington*. Rosario: Bajo la Luna Nueva, 1992.
- _____. *El Petiso Orejudo*. Buenos Aires: Planeta, 1994.
- _____. Las unas con las otras. *Las/12*, Buenos Aires, 11 de junio de 1999a.
- _____. Loias y besos. *LAS/12*, 12 de noviembre de 1999b.
- RUSSO, Sandra. *Las/12*, un año: ¿Escrito solamente por mujeres? *Las/12*. Buenos Aires, 30 de abril de 1999.
- SOTO, Moira. La condessa sangrienta. *Las/12*. Buenos Aires, 18 de junio de 1999.

[Recebido para publicação em maio de 2000]

TRADUÇÃO
Ana Cecília Acioli Lima
REVISÃO TÉCNICA
Claudia de Lima Costa

Supplementary Knowledge: Queering the North/South Axis

Abstract: This essay addresses the ways in which feminist cultural journalism (*Las/12*) found in the women's supplement of a popular Argentine daily newspaper (*Página/12*) advances a critique of the gender system within the North/South market economy while advocating disruptions of political and social discourse through a gaze that is decidedly queer; it also announces the violence of neoliberalism against women's interests and brings lesbian projects to surface as an alternative to the market domestication of women.

Keywords: feminist journalism, Latin American queer theory, María Moreno, *Página/12*, *Las/12*.